



História da Televisão Piauiense: Período 1976 a 1980¹. Autora: Tyciane Viana Vaz².
Co-autores: Anucha Melo, Joelson Giordani, Josué Nogueira, Nadja Rodrigues, Sérgio Mendes. Universidade Federal do Piauí.

Resumo

Considerando a importância do resgate da história da televisão piauiense e a escassez de pesquisas nesta área, objetiva-se neste trabalho apresentar um recorte histórico sobre a TV e o telejornalismo no estado do Piauí no período de 1976 a 1980. A pesquisa buscou levantar nomes dos principais atores da época; pesquisar sobre os principais programas de televisão existentes no período; verificar estrutura física da TV Clube, única emissora de televisão à época; e as dificuldades em época de censura, pela Ditadura Militar. Para concretização dos objetivos, foram realizadas entrevistas com personagens que vivenciaram os primeiros anos da TV no estado e levantamento de informações através dos jornais da época.

História; Telejornalismo; Piauí; TV Clube.

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do V Congresso Nacional de História da Mídia.

² Tyciane Viana Vaz é aluna do curso de Mestrado da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), jornalista formada pela Universidade Federal do Piauí, e especialista em Telejornalismo, pela mesma instituição. Endereço eletrônico: tycianevez@gmail.com

³ Os co-autores: Anucha Melo, Joelson Giordani, Josué Nogueira, Nadja Rodrigues, Sérgio Mendes são jornalistas, especialistas em Telejornalismo, pela Universidade Federal do Piauí.



História da Televisão Piauiense: período 1976 a 1980

Entre os anos de 1976 e 1980, a televisão no Piauí atravessou momentos importantes. Foi um período em que o veículo deixava de ser um sonho e se consolidava. Vieram as primeiras transmissões através de sinais da Embratel e o Jornal Nacional chegava ao vivo aos piauienses. Também foi o período em que a Rede Globo enviava as suas primeiras telenovelas produzidas totalmente a cores.

Esta pesquisa partiu do objetivo geral de realizar um registro histórico sobre a televisão no Piauí no período de 1976 a 1980. Com relação aos objetivos específicos, o trabalho buscou levantar nomes dos principais atores da época; pesquisar sobre os principais programas de televisão existentes no período; verificar estrutura física da rede da TV Clube, primeira e única emissora televisão na época estudada e as dificuldades sofridas pela emissora em época de censura, pela Ditadura Militar.

Para execução deste trabalho, fez-se um levantamento de profissionais que trabalharam na única emissora do período. A partir desta lista, fez-se uma seleção de algumas pessoas disponíveis para entrevistas. A idéia foi realizar um resgate da história da televisão piauiense através da oralidade, devido à escassez de literatura na área.

Além de entrevistas com os profissionais do período, a pesquisa contou com contribuições de pessoas envolvidas no contexto social da televisão no Piauí, mas que não estavam diretamente ligadas ao trabalho na emissora analisada. Nesses casos, as entrevistas não foram pré-formuladas, ficando as perguntas relacionadas a situações vivenciadas pelo entrevistado e lembranças apresentadas por ele.

Outra fonte de informação para a pesquisa consistiu nos arquivos de jornais da época, disponibilizados no Arquivo Público de Teresina. Através dos jornais, a pesquisa embasou algumas informações que surgiram nas entrevistas. Nos jornais, foram encontrados anúncios e fotos de profissionais da TV Clube.

No que concerne aos fatores motivadores do trabalho, consistem principalmente na possibilidade de desenvolver uma pesquisa pouco explorada em termos de comunidade acadêmica. O estado tem carência em trabalhos que envolvem pesquisas históricas relacionadas ao telejornalismo. Mais um motivo do trabalho consiste na possibilidade de resgatar a história do telejornalismo em pesquisa escrita. Já que se sabe da inexistência de arquivos em filmes nos primeiros anos da televisão no estado.



Contexto Histórico

Segundo Tavares (2000), a concessão da primeira emissora de televisão do Piauí, a TV Rádio Clube, foi decretada pelo Governo Federal no ano de 1972. O professor Walter Alencar era o diretor do canal 4, que entrou no ar no dia 03 de dezembro de 1972, afiliado à Rede Globo de Televisão, pelo qual continua até nos dias atuais. A segunda metade da década de 1970 no Piauí foi marcada por uma mudança no costume de muitos piauienses em função da força que impulsionava a televisão.

Cinéas Santos¹ afirma que as tradicionais conversas na porta de casa, as relações comunitárias, a popular ida aos estádios de futebol nas tardes de domingo eram paulatinamente substituídas pelo hábito de sentar-se à frente da TV e assistir de casa aos espetáculos protagonizados em rede nacional ou local e aos programas jornalísticos que estavam entre as principais fontes de informação da capital, superando o rádio depois de anos de supremacia deste veículo.

Essa relação de força no tocante ao potencial atração de público que a TV pouco a pouco garimpava, superando o rádio, pode ser notado no fenômeno de construção do material humano da televisão no Piauí. Segundo Segisnando Alencar², nos primeiros anos da televisão no estado muitos profissionais do rádio migraram para a TV, esta com pouquíssima mão-de-obra especializada, mostrando que não era apenas o público, mas também os profissionais que aderiam a nova forma de fazer comunicação.

Entre 1975 e 1980, o Piauí atravessava um processo de crescimento acelerado protagonizado não pela sua produção e desenvolvimento econômico, mas principalmente pela disponibilidade de recursos federais. Foi um período de transformações, pois o Estado se estruturava. Boa parte das mudanças foi iniciada durante a gestão do governador do Estado, Aberto Silva, que agia em sintonia com os administradores do período militar brasileiro e aproveitou uma fase de grandes investimentos do Governo Federal neste período.

¹ SANTOS, Cinéas. Entrevista concedida à autora e co-autores em 17 de fevereiro de 2006. Cinéas Santos é professor e escritor, figura importante na cidade de Teresina (PI), desempenha trabalhos relevantes na área de cultura.

² ALENCAR, Segisnando. Entrevista concedida à autora em 20 de fevereiro de 2006. Seginando Alencar é diretor da TV Clube desde o período de fundação.

Muitas rodovias foram concluídas interligando o interior do Piauí encurtando as distâncias. Por outro lado, a capital tinha a sua rede de abastecimento de água e saneamento ampliados. Até 1980, ainda foram realizados novos investimentos, desta vez nas cidades do interior, onde foram construídas barragens e ampliadas as rodovias. Eram obras estruturais que visavam melhoria da qualidade de vida da população piauiense em médio prazo.

Nesse período, registrou-se um incremento da produção agrícola e da produção rural. A vocação rural do estado ganhava um marco, em 1976 a inauguração do Parque de Exposições, que concentrava os acordos em agronegócio no Piauí. Alberto Silva foi sucedido por Dirceu Mendes Arcoverde, que ganhou grande projeção política. A sua trajetória no cenário nacional, no entanto, foi interrompida em 1979 de forma repentina. Ele faleceu durante o primeiro discurso que fez como senador da República. A sua morte gerou grande comoção no estado, pois se tratava de um dos políticos que lutavam pela redemocratização. Com grande capacidade de articulação política, ele foi o grande personagem político piauiense na segunda metade da década de 70. Antes do fim de sua administração recebeu o então presidente Geisel no Piauí.

Nesse contexto, como afirma Santos, a TV Clube, ainda a única emissora piauiense, situava-se em um estado cada vez mais bem estruturado e com população melhor atendida e que modificava o seu estilo de vida cada vez mais pautado pela influência da televisão. Santos lembra ainda que na segunda metade da década de 1970 a televisão no Piauí era capaz de provocar impactos consideráveis nos hábitos, sobretudo na capital. Ele atribuiu à TV responsabilidades como a da desagregação da família e a perda de identidades comunitárias. “Antes da popularização da TV, os vizinhos sentavam no meio da rua e conversavam. Era uma espécie da família geral”.

A prática jornalista neste período ainda estava dissociada de um aspecto científico no modo de fazer jornalístico. Ainda não existia uma graduação em Comunicação Social, que fundamentasse cientificamente o modo de transmitir a informação através da imprensa. Nos anos 70, havia o propósito da Universidade Federal do Piauí em trazer o curso para o Estado. Existiam também pressões por parte da comunidade acadêmica no sentido de viabilizar a criação do curso. No entanto, o curso só foi criado em 1985 tendo a sua primeira turma formada em 1989.

Mesmo assim, a UFPI estava passando por um reconhecido processo de expansão e uma valorização cada vez mais visível ao conhecimento científico. Parte da



formação teórica dos profissionais da TV piauiense era conseguida através de cursos oferecidos e forma esporádica pela própria Universidade Federal.

A Tecnologia na TV Piauiense

Alencar destaca que na primeira década da televisão o progresso tecnológico acontecia, mas não era tão acelerado quanto os profissionais gostariam. A transmissão via satélite era restrita e realizada exclusivamente pela Embratel, empresa de comunicação estatal que monopolizava o serviço.

O recurso era utilizado apenas para a transmissão ao vivo do Jornal Nacional. O restante da programação vinha de avião em fitas para ser reproduzido ao longo da programação da TV Clube. Isso também incluía as telenovelas, que faziam grande sucesso naquela época. O material era colocado em “latas” ao longo da viagem. Se o avião atrasasse, a TV piauiense era obrigada a substituir programação. Muitas vezes, novelas tinham capítulos em reprise, pois o capítulo do dia não chegava a tempo. (ALENCAR).

Grande parte do maquinário que servia a TV foi comprado da TV Ceará, emissora que chegou a ser uma das principais do Ceará, mas que viveu um período de dificuldade em meados dos anos 70. Alencar afirma “manipular os equipamentos não era uma tarefa fácil. Por serem grandes e pesadas, operar as câmeras exigia muita habilidade”.

A maioria dos profissionais que trabalhava na TV Clube no período era oriunda do rádio e estava adaptada a nova linguagem da televisão, mas ainda era necessário driblar adversidades técnicas. Os repórteres, Walteres Arraes e João Eudes, que ainda integram o quadro da emissora, estão entre os profissionais que migraram do rádio. Segundo Arraes³, nem sempre era possível levar equipes de reportagem a rua, em função da escassez de equipamentos para a alta demanda. Boa parte das entrevistas tinha que ser realizada em estúdio mesmo ou nas imediações da emissora”.

³ ARRAES, Walteres. Entrevista concedida ao co-autor, Josué Nogueira, em 11 de março de 2005. Walteres Arraes é repórter da emissora.



Nessa época, os jornalistas Nonato Pontes e Benjamin Oliveira apresentavam o telejornal da emissora. O “Tele 4” era um noticiário local pioneiro que contribuiu para a evolução do telejornalismo no Estado. O jornalismo ganhava força e sob o comando de Lindberg Pirajara que cuidava do conteúdo informativo da emissora. Outros nomes do jornalismo piauiense tornaram-se reconhecidos através do jornalismo da TV Clube naquele período: Gilson Gonçalves, Luís Alberto Falcão, Ganalião Noronha, Sérgio Pinheiro, Benjamin Oliveira, Ademar Bastos, Sergisnando Alencar e Carlos Augusto. Benjamin Oliveira tem importante participação na história da televisão piauiense. Ele foi o primeiro apresentador negro do Estado, apresentou o telejornal com Alice Moreira.

O radialista, Joel Silva⁴, que foi garoto-propaganda de televisão, conta que os comerciais também eram feitos ao vivo e os erros eram freqüentes. Os produtos eram levados ao estúdio, processo que ainda antes dos anos 80 foi substituído pelo uso do vídeo-tape. Os garotos-propaganda ficavam em uma sala ao longo de toda a programação esperando o horário de entrar no ar com os comerciais. Tudo era feito apenas por uma câmera. O advento do vídeo tape substituiu as narrações ao vivo e rusticidade nos comerciais. Lojas Centauros, Armazém Paraíba, Armazém Piauí, Casas Jussara, lojas Confiança, Ocapana, Óticas Itamaraty, Casas Pernambucanas estavam na lista de maiores anunciantes no período de comerciais ao vivo.

Santos afirma que a programação local contava com alguns programas de destaque no período, como “TP Estúdio”, apresentado pelo ator Tarcísio Prado, e o programa “Encontros e debates”, apresentado por Chico Costa. Tarcísio Prado era bancário com veia artística. Antes de se tornar ator de teatro e cinema ela comandou o programa TP Estúdio que ia ao ar nas noites de segunda-feira e trazia com uma das atrações o humorista e ex-vereador de Teresina, Deusdeth Nunes.

A colunista social, Elvira Raulino⁵, também marcou presença na emissora apresentando assuntos sobre a alta sociedade piauiense. Na época, ela apresentou programas de auditório como, “Elvira Som & Imagem” e “Assunto Classe A”, como afirma: “eu trazia artistas de fora e colocava músicas para tocar”.

⁴ SILVA, Joel. Entrevista concedida à autora e o co-autores, em 10 de março de 2005. Joel Silva é radialista, e à época foi garoto-propaganda de comerciais de TV.

⁵ RAULINO, Elvira. Entrevista concedida ao co-autor Sérgio Mendes, em 20 de março de 2005. Elvira Raulino foi a primeira colunista de destaque no estado do Piauí.



A programação da TV Clube, antes formada pela programação local quase que completamente passava a ser em rede com as programações da TV Globo, transformação que aconteceu pouco antes da década de 1980. Com a diminuição da programação local, a estrutura física da TV Clube também teve que ser repensada. O grande estúdio da TV que era ocupado pelos expectadores até o final dos anos 1970 começava a dar lugar a salas administrativas e a arquivos da Rádio Clube, como contou João Eudes⁶. Tarcísio Prado e outros nomes com o radialista Ari Sherlock destaque locais de entretenimento, tinham menos espaço, enquanto a programação nacional avançava em aceitação popular.

O que também se observou na emissora no final dos anos 80 foi a substituição de tecnologia. Recursos muito utilizados como o telecine para exibição de filmes e imagens paradas através de slides com o uso de vozes de locutores fantasmas apenas completar a informação dessas imagens eram aos poucos substituídas por novos recursos tecnológicos. Segisnando Alencar descreve a utilização do recurso: “Usávamos as imagens paradas o que nos obrigava a utilizar o locutor fantasma, que nunca aparecia para dar sentido à informação”. O vídeo-tape ocupou os espaços e sumiram os comerciais ao vivo e outras formas rústicas de fazer televisão.

Nem a limitação técnica foi capaz de impedir o avanço do entretenimento. As telenovelas estavam cada vez mais populares e aos poucos já podiam ser transmitidas a cores, embora não houvesse tantos televisores na época para apresentar as imagens em cores. Para tentar envolver cada vez mais novos telespectadores, a TV Clube investia em anúncios de jornais impressos que chamavam o telespectador a acompanhar as telenovelas.

⁶ EUDES, João. Entrevista concedida à autora, em 20 de fevereiro de 2005. Eudes é repórter desde os primeiros anos da emissora.



Censura no Regime Militar

A segunda metade da década de 1970 foi de dificuldade para os meios de comunicação. Em 1974, assumiu o presidente Ernesto Geisel que, embora tenha começado um lento processo de abertura rumo à democracia, ainda protagonizou episódios de combate à liberdade de imprensa. De acordo com Alencar, para continuar com a programação da TV no ar e para evitar as perseguições pessoais aos jornalistas, os responsáveis pelo conteúdo da emissora aumentavam o cuidado para não bater de frente com a ideologia do regime.

O antecessor de Geisel, Garrastazu Médici, escolhido por uma junta militar no ano de 1969, foi o mais duro e repressivo entre todos os governos do período. Foi dele que partiu as formas mais firmes da censura sobre a produção cultural. Livros, jornais e revistas também foram perseguidos. A lembrança e o modo de proceder diante do Regime influenciaram a produção jornalística, mesmo no período em que se verificou a abertura de proposta por Geisel.

Apesar do terror de Médici, a era Geisel entre os anos de 1974 e 1979 certamente ficam marcados pelo avanço da oposição diante do Regime. Isso porque foi garantida a abertura, lenta, gradual e segura. O propósito democrático de Geisel ficou expresso no próprio Estado do Piauí, quando fez visita de seis horas ao Estado, em 3 de novembro de 1976. Em seu discurso, ele defendeu a expansão da democracia. Ao lado do então governador Dirceu Arcoverde, se mostrou popular.

O período até 1979 foi marcado por momentos distintos. Ao tempo em que livrou o Brasil e a imprensa do AI-5, levantou dúvidas em relação ao modelo dessa abertura política quando se registrou a morte do jornalista Wladimir Herzog e do operário Manuel Fiel Filho, ambos presos políticos. No Piauí, a imprensa local era obrigada a conviver também com a rigidez do sistema, como conta Alencar: “cada um dos profissionais de TV na época precisava portar uma carteira que constava um número de inscrição na Polícia Federal. Sem o documento era impossível trabalhar nos meios de comunicação”.

Vários profissionais chegaram a ser convocados a prestar depoimento por não atualizar a sua documentação. Passavam por constrangimentos como longas esperas nas salas da Polícia Federal. A intimidação aos profissionais de imprensa naquele período era uma ferramenta muito utilizada no controle de conteúdo das emissoras. Arraes testemunhou e foi vítima de episódios que mostram a rigidez do Regime Militar, como



destaca: “por desleixo acabei esquecendo de renovar a minha carteira, obrigatória para trabalhar na TV. Fui convocando para depor, o que não era muito bom. Muitas pessoas iam depor e não voltavam mais. Fiquei das oito horas da manhã até as oito horas da noite esperando o momento de ser atendido pelo delegado na Polícia Federal”.

Alencar afirma que os assuntos que não poderiam ser abordados ao longo da programação da emissora eram expressamente detalhados em documentos oficiais ou em bilhetes modestos, mas que traziam orientações objetivas aos profissionais que trabalhavam na TV Clube. Mas, o principal alvo da censura no período pós 1975 eram as emissoras de rádio, como disse Silva. A rigorosa fiscalização era observada principalmente nos noticiários que abasteciam os demais meios. Alguns noticiários chegaram a sair do ar temporariamente. Já os noticiários de TV, embora não fossem submetidos a uma censura prévia, eram sempre monitorados pelos agentes federais.

Os programas nacionais que chegavam a Teresina nas fitas para serem reproduzidos aqui, mesmo já tendo passado pelo crivo da censura em nível nacional, precisavam de uma nova liberação para chegar aos lares piauienses. A regra valia tanto para as novelas quanto para os filmes. Segisnando Alencar conta que nem sempre as recomendações chegavam em papéis timbrados. “Recebíamos pequenos bilhetes que dizia que assuntos não poderiam ser abordados”.

O jornalista João Eudes, um dos remanescentes das emissoras de rádios do estado do Ceará, não vê como intensa a perseguição do Regime Militar a TV Clube. “É certo que até texto de comercial era submetido à censura. Mas a jovem TV Clube não passou por muitas situações de censura”.

No Piauí, órgãos federais não podiam ser questionados e os projetos do governo deveriam ser aceitos, sob pena de punição aos subversivos. Um dos fatos mais peculiares aconteceu com o escritor Cinéas Santos. Estudante de Direito, ele concedeu entrevista ao programa “TP Estúdio”, mais especificamente no quadro na “Corda Bamba”, comandado por Deusdeth Nunes, criticando a mudança do campus da Universidade Federal do Piauí do centro da cidade para a Zona Leste, onde funciona atualmente. O novo campus estava situado em região isolada, com acesso difícil. Cinéas descreveu, na entrevista à TV, os problemas que os alunos enfrentavam: “cobras chegaram a ser mortas dentro de sala de aula em função do denso matagal que cercava o campus”. As declarações de protesto de Cinéas Santos fizeram com a UFPI abrisse processo administrativo contra ele pedindo a sua expulsão. A Universidade requisitou a fita para justificar o pedido de expulsão do aluno, que não foi concedida pela TV Clube,



pois a emissora não possuía um arquivo de imagens. O fato mostrava que mesmo ainda nos anos 70, a TV Clube já tinha capacidade de provocar impacto político e tudo o que se discutia já repercutia o suficiente para gerar novos fatos. Apesar desse poder, a emissora vivia o drama da falta de arquivo e da insuficiência técnica para atender a uma requisição de imagem.

Foi também através da emissora de TV que a Polícia Federal tomou conhecimento de que dois inimigos da ditadura militar estiveram em solo piauiense. Plínio Marcos e Henfil, artistas polêmicos que através de seus trabalhos contestavam a dureza da ditadura militar vieram a convite de Cinéas Santos. Assistindo a entrevista de Cinéas concedida a Walteres Arraes no aeroporto eles souberam da passagem dos dois por aqui, quando mais nada podiam fazer. Henfil e Plínio Marcos saíram do estado sem serem incomodados.

Considerações Finais

Ressalta-se que por conta da escassez de referencial teórico, a maior parte da pesquisa histórica da televisão nos anos 1976 a 1980 foi resgatada através de entrevistas, visto que nem mesmo há registros em arquivo de fitas dos programas da época. A maior fonte de pesquisa foi a história oral, que mesmo sendo de relevante importância no processo de resgate de informações, acredita-se que pode trazer dúvidas sobre determinadas situações, em especial para confirmação de datas, e ainda esquecimentos sobre fatos interessantes que precisariam constar no trabalho.

Através dos levantamentos da pesquisa, pode-se afirmar que a televisão piauiense no período estudado para pesquisa foi marcado por limites impostas pelo Regime Militar, com a censura de conteúdo, como também pela precariedade técnica, que impossibilita inclusive a formação de arquivos documentais, e que foi sendo contornado aos poucos com a chegada dos sinais via Embratel, o recurso da TV em cores e o vídeo-tape.



REFERÊNCIAS

TAVARES, Zózimo. **100 Fatos do Piauí no Século 20**. Teresina: Halley. 2000.

JORNAL NACIONAL: **A notícia faz história/Memória Globo**. Rio de Janeiro: Jorge Zhar Ed., 2004.

ANEXOS:



Ilha de edição da TV Clube, década de 70. Jornal O ESTADO, 1977



Primeira logomarca da TV Clube. Jornal O ESTADO, 1978



Segisnando Alencar, diretor da TV Clube. Jornal O ESTADO, 1977.



Lindemberger Pirajara, responsável pelos telejornais. Jornal O ESTADO, 1976.



Anúncio de novela no jornal impresso. Jornal O ESTADO, 1977.



Entrevistas:

Segisnando Alencar é diretor da TV Clube.

Walteres Arraes é repórter desde os primeiros anos da emissora.

João Eudes é repórter da TV Clube desde os primeiros anos até os dias atuais

Cinéas Santos é professor e escritor. Desempenha importantes trabalhos na área da cultura, vivenciou na capital durante os primeiros anos da TV no estado.

Joel Silva é radialista e foi garoto-propaganda de comerciais televisivos.

Elvira Raulino é colunista social, apresentou programas de auditório na TV Clube durante a segunda metade da década de 70.